



Quando quintais com Plantas Alimentícias Não Convencionais semeiam educabilidades e sujeitos ecopolíticos

When backyards with Unconventional Food Plants sow educability and ecopolitical subjects

SCHITTINI, Cristina¹; COSENZA, Angélica²

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, cris.schittini@gmail.com; ² Universidade Federal de Juiz de Fora, ar_cosenza@hotmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Este resumo expandido faz parte de uma pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), MG. A questão foi compreender se podem os quintais com Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) produzirem educabilidades significativas para a formação de um sujeito ecopolítico, podendo trazer à tona reflexões sobre modos agroecológicos de produzir soberania e das injustiças ambientais que permeiam o sistema agroalimentar hegemônico. O objetivo desse estudo foi entender os significados atribuídos aos quintais com PANC por aquelas/es que praticam esses lugares na cidade de Simão Pereira, MG, e se esses significados podem produzir educabilidades, na construção de sujeitos ecopolíticos, acerca das lutas por soberania alimentar e justiça ambiental. Para tanto, investigamos quintais com PANC da cidade de Simão Pereira/MG, tendo como método a pesquisa qualitativa através do aporte teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD). A partir das análises das entrevistas, a pesquisa denunciou: 1) a alienação; 2) a CEASA operando como uma instituição ideológica; 3) a incorporação dos saberes nas mídias sociais e Google; entre outras. Mas, de forma inspiradora anuncia 1) uma identidade de resistência; 2) uma ética ambiental; 3) solidariedade; entre outras. Concluímos que os quintais com PANC se configuraram como produtores de conhecimentos e educabilidades que contribuem para uma Educação Ambiental crítica que se propõe a desvelar as consequências nefastas do sistema agroalimentar hegemônico, possibilitando a formação de sujeitos ecopolíticos, uma vez que as/os entrevistadas/os anunciam formas de se posicionarem politicamente frente às opressões e injustiças vividas. Através da memória e do cotidiano, as PANC, enquanto um alimento agropolítico, são alimentos fundantes e indispensáveis para se pensar modos sustentáveis no caminho rumo à soberania alimentar.

Palavras-chave: PANC; educação ambiental crítica; ecologia política; análise crítica do discurso; agroecologia.

Introdução

A pesquisa a que este resumo se refere, passa a ter forma quando uma das autoras entra para o Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental da UFJF ainda enquanto agricultora entusiasta das PANC, e a ter urgência quando, em 2019, passamos a vivenciar os horrores de uma necropolítica nos levando ao ecoetnogenocídio, ao colapso ambiental e a situação desumana do Brasil ter voltado ao Mapa da Fome. Compreendemos a complexidade estrutural que nos encaminha a tais



consequências, assim como, a crise de civilização descrita por Leff (2006) e o quanto se relacionam e/ou são intrínsecas ao sistema agroalimentar hegemônico.

Acreditamos que a partir de uma epistemologia que contempla saberes em diálogo com a ciência contra hegemônica, seja possível a reconfiguração do ser e da identidade na globalização, assim como apresentar formas de superação às injustiças ambientais vividas, logo, meios e modos de resistir frente ao colapso ambiental. Portanto, a Agroecologia surge como anúncio à crise de civilização e ao sistema agroalimentar hegemônico. Se apresenta enquanto um projeto societário contra-hegemônico tendo como raiz o alimento. Propõe viabilizar a construção de uma nova ontologia, nova epistemologia e uma nova práxis na contramão do processo patriarcal, colonial e neoliberal.

Como o conhecimento agroecológico é construído em diferentes espaços e por diferentes atores, é transdisciplinar e pluriepistemológico, os quintais com PANC podem ser pensados como lugares agroecológicos, produtores de educabilidades agroecológicas em comunhão com a Educação Ambiental crítica e em diálogo com a Ecologia Política. Os autores Almada e Souza (2017) propõem uma reflexão sobre os quintais enquanto sistemas bioculturais que desempenham um papel contra hegemônico de resistência diante do processo de homogeneização dos modos de vida e desperdício de experiências promovido pela modernidade, possibilitando o exercício de uma racionalidade ambiental e valorizando a ecologia dos saberes, mas em vias de extinção devido a nossa sociedade urbana-industrial. As PANC, são plantas alimentícias, espontâneas ou não, tradicionais ou não, que não ocupam as gôndolas do mercado hegemônico, mas se fazem presente nos quintais e são imprescindíveis para um agroecossistema biodiverso, para a Soberania Alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN), consequentemente o DHAA. Por se tratar de uma pesquisa que analisa criticamente as relações de poder, optou-se pelo termo PANC, com intuito de apontar o caráter capitalista global no qual se insere a nossa prática cotidiana de se alimentar.

Sendo assim, o problema social desta pesquisa se define como o modo que as cidades invisibilizam e destroem quintais e assim os saberes que com eles se constroem. Problema esse que reforça a negação do DHAA, a soberania alimentar e cria obstáculos para a construção do conhecimento agroecológico em determinados territórios. O objetivo da pesquisa foi entender os significados atribuídos aos quintais com PANC por aquelas/es que praticam esses lugares na cidade de Simão Pereira, MG, e se esses significados podem produzir educabilidades, na construção de sujeitos ecológicos, acerca das lutas por soberania alimentar e justiça ambiental em contraponto ao sistema agroalimentar hegemônico.

Assumimos que os quintais com PANC têm um papel de encruzilhada conforme Rufino (2019). Entendemos que a educação é “ o radical vivo que monta, arrebatada e alumbra os seres e as coisas do mundo [...] repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam as possibilidades



para plantar esperanças, amor e liberdade” (RUFINO, 2021, p.5). Nesse contexto, a Educação Ambiental crítica “pode ser definida como um conjunto de processos sociais de formação humana [...] que questionam as relações sociedade-natureza vigentes [...] e buscam outras formas de ser e existir no mundo (LOUREIRO, 2022, p.46). Layrargues (2020) aponta que se deve fazer uma leitura ecopolítica das relações sociedade-natureza, assim como proporcionar uma ampla compreensão da origem do colapso ambiental. Para o autor, a EA deve formar sujeitos ecopolíticos, que compreendem os sistemas ecológicos, sociais, bem como as relações de poder e suas consequências.

Metodologia

A pesquisa se amparou em referenciais teórico-metodológicos dos princípios da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir de Fairclough, sob uma perspectiva decolonial com abordagens de investigação qualitativa. Essa escolha se faz importante uma vez que tanto a ACD quanto a Ecologia Política se ocupam em desvelar as relações de poder a fim de contribuir para uma mudança social.

O principal objetivo desta abordagem é investigar o modo como os significados operam na prática social dos quintais e desvelar a construção desses significados, tanto no que tange a manutenção da hegemonia, quanto possíveis fissuras que possam encaminhar a uma mudança social. A ACD dá aporte a estudos críticos da linguagem onde “a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmo, os outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 15).

A pesquisa foi feita na cidade de Simão Pereira, MG. Cidade de menos de 3.000 habitantes, localizada na Zona da Mata mineira, integrante do Caminho Real, sendo que, em 2019, domicílios com rendimentos mensais de até ½ salário-mínimo por pessoa, tinha 38,1%. Foi construída às margens da Estrada União Indústria e a população é atravessada por diversas injustiças ambientais, mas nenhuma possui um caráter conflitivo. Para as entrevistas, participaram 5 mulheres e 3 homens tendo seus quintais com PANC nas principais áreas da cidade: zona rural, Centro e Balança. A escolha dos sujeitos se deu a partir da observação dos quintais e das plantas que ali habitam. Algumas similaridades entre elas/es surgiram, como: a idade superior a 60 anos, são as/os únicas/os responsáveis pelo cuidado dos quintais, são historicamente campesinas/os e plantam porque gostam da prática e por garantir a SAN da família. Enquanto os homens plantam pensando na comercialização, as mulheres se preocupam em assegurar a SAN do núcleo familiar e na doação do excedente.

Realizamos entrevistas semiestruturadas, após as transcrições, o *corpus* foi organizado em 4 eixos temáticos: sistema agroalimentar hegemônico; agroecologia; quintais; e PANC. Compreendemos os eixos analíticos enquanto potência para identificar obstáculos para a superação do problema social ou anúncios que



pudessem construir a formação de um sujeito ecológico. Assim, a partir desses eixos as análises foram feitas a partir das seguintes categorias: alienação, avaliação, coesão, hibridismo, intertextualidade, metáfora, gênero de discurso e representação dos atores sociais.

Resultados e Discussão

A partir das análises do *corpus*, os sujeitos denunciaram que há um desinteresse das gerações atuais pelas práticas dos quintais, e o desconhecimento do potencial alimentício de determinadas plantas alimentícias. A CEASA surgiu enquanto instituição reguladora da disponibilidade das espécies a serem plantadas, assim como, quais plantas devem ser valorizadas e valoradas contribuindo para a homogeneização da prática de comer e plantar. Um exemplo é quando um dos entrevistados nos fala sobre a taioba “*Mas lá no CEASA não se vende esse mato não*”. Foi identificada a incorporação dos saberes nas mídias hegemônicas, onde produtos do próprio sistema agroalimentar hegemônico é incorporado a receitas, como nos fala uma entrevistada que fez um chá de cura para a família durante a pandemia: “*O pior chá que eles beberam foi o de santa maria, pesquisei lá na internet, [...] mandou duas colher de leite em pó*”. Técnicas de cultivo provenientes do agronegócio foram citadas como técnicas utilizadas quando o plantio ocupa áreas maiores, mas de forma híbrida com técnicas camponesas tradicionais. Uma denúncia aguda foi a alienação do sistema agroalimentar hegemônico, mesmo que suas técnicas e produtos sejam avaliados de forma negativa pelos sujeitos.

Contudo, os quintais com PANC se colocam por meio dos discursos dos sujeitos entrevistados como um lugar fértil, praticado, onde educabilidades que desvelam o poder do sistema agroalimentar hegemônico emergem. Dessa forma, os quintais com PANC podem ser *tema-gerador* capaz de apontar a disputa de poder. Portanto, a EA crítica, em diálogo com a Ecologia Política, pode inaugurar metodologias e práticas criativas que aproximam teoria e política para o arcabouço da questão alimentar que nos leva ao colapso ambiental e nos nega, não apenas o DHAA, mas também nossa soberania alimentar.

As análises trouxeram muitos anúncios, que surgem como fios condutores para a construção de modos de ser/estar no mundo de forma agroecológica, assim como a materialidade agroecológica do plantar nos quintais com PANC. Os sujeitos apresentam uma construção de uma identidade que se coloca como resistência frente a um sistema agroalimentar que incentiva um caráter consumista. Se posicionam com uma ética ambiental que encaminha a racionalidade ambiental, colaborando para uma condição constitutiva ecológico-existencial a partir das perspectivas terexistência (RUFINO; CAMARGO; SANCHÉS, 2020) e multiespécie (ALMADA; VENÂNCIO, 2021), quando de forma solidária uma entrevistada nos diz: “*Eu deixo os bichos comê, porque eles também passam fome [...] os mesmo direitos que a gente tem de comê, tadinhos*”, ou quando, carinhosamente, nos disseram sobre suas plantas no quintal “*Somos dois seres humanos, uma convive com a outra. Eu tenho carinho com ela e ela tem carinho comigo*”. Demonstraram a



resiliência e o fácil manejo das PANC. Todas/os praticam a solidariedade através de uma relação ética entre seres-humanos, que se torna importante para a identificação do Outro e da relação de outridade, que para Leff (2006) são partes constituintes do diálogo dos saberes; e por fim, os sujeitos confirmam que os quintais são lugares biodiversos e de experimentações.

As PANC, ditas como tradicionais, não ocupam os espaços dos mercados hegemônicos, mas sim dos quintais, outras PANC não tradicionais, também ocupam os quintais, mas falta conhecimento para que tenham uso real. Os saberes acerca das PANC, são saberes ancestrais em vias de extinção. As PANC são essenciais para se pensar a soberania alimentar, podendo ser consideradas um alimento agropolítico que para Layrargues (2021) é aquele que cumpre uma função para além de nutrir, no sentido biológico, é capaz de denunciar e anunciar as injustiças ambientais causadas pelo sistema agroalimentar hegemônico. Esses anúncios podem proporcionar o (re)encantamento do mundo que possibilitam repensar o metabolismo sociedade-natureza, conforme pressupostos agroecológicos, propondo educabilidades que a partir do diálogo dos saberes, contribuem em potencializar as intencionalidades do fazer educativo da EA crítica, tanto no que tange problematizar os modos operacionalizados pelo poder capitalista global e neoliberal, quanto de propor outras formas de ser e existir no mundo.

Conclusões

Os quintais com PANC se apresentam enquanto fissuras à EA crítica como tática de transgressão da situação de opressão e de práticas antiecológicas que nos encaminharam ao colapso ambiental. A prática dos quintais com PANC conduz a EA crítica, em diálogo com a Ecologia Política, apresenta pedagogias outras, insurgentes, decoloniais, e práticas educativas críticas que propõem novas formas de (re)existir, resistir e (re)viver.

Os sujeitos dessa pesquisa tecem novos sentidos de resistência e (re)existência ao *status quo* opressor. Anunciam formas outras de se posicionarem de forma contra-hegemônica, mesmo sem caráter conflitivo e constroem um caminho para se alcançar o sujeito ecológico. Através das memórias e do cotidiano dos sujeitos, as PANC demonstraram ser plantas comestíveis indispensáveis para se pensar modos sustentáveis rumo à soberania alimentar.

Referências bibliográficas

ALMADA, Emmanuel D.; SOUZA, Mariana O. Quintais como Patrimônio Biocultural. In: ALMADA, Emmanuel D.; SOUZA, Mariana O. (org.). **Quintais: memória, resistência e patrimônio biocultural**. Belo Horizonte: UEMG, 2017. p. 15-29.

ALMADA, Emmanuel D.; VENÂNCIO, Bruno. Pode a natureza falar? perspectivas para uma educação ambiental multiespécies. **Revista Interdisciplinar SULEAR**, ano 04, número 9 – abr. 2021.



LAYRARGUES, Philippe P. Pandemias, Colapso Climático, Antiecológismo: educação ambiental entre as emergências de um ecocídio apocalíptico. **Revbea**, São Paulo, v. 15, nº 4, p. 1-30, 2020.

LAYRARGUES, Philippe. Horta Escolar: o plantio da Educação Ambiental Crítica e a colheita de um alimento agropolítico. *In*: COSENZA, Angélica; SILVA, Camila N.; REIS, Emanuelle dos. (orgs.). **Agroecologia escolar**: quando professores/as e agricultores/as se encontram. Rio das Ostras, RJ: Nupem/UFRJ, 2021.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, Carlos F.B. Educação Ambiental crítica e lutas antissistêmicas *In*: SALDI, Leticia [et al.]; MILANEZ, Felipe; TRUJILLU, Mina L. N.; ROCA-SERVAT (coord.), Denise. **Senti-pensaríamos Tierra**: educación ambiental y Ecología política em clave latinoamericana y del Círculo. n. 10, p. 46-52, 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de M. **Análise de discurso (para a) a crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2019.

RUFINO, Luiz; CAMARGO, Daniel R.; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental desde El Sur: a perspectiva da Terexistência como política a poética descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**. **REVISEA**, São Cristóvão, v.7, nº especial, 2020.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mordula, 2021.